

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE DESENHO INDUSTRIAL
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM NARRATIVAS VISUAIS**

GUSTAVO HENRIQUE OGG NASCIMENTO GONÇALVES COSTA

**ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS OBRAS: MEMÓRIAS
PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS E *DAYTRIPPER***

CURITIBA

2017

GUSTAVO HENRIQUE OGG NASCIMENTO GONÇALVES COSTA

**ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS OBRAS: MEMÓRIAS
PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS E *DAYTRIPPER***

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista Narrativas Visuais, do Departamento Acadêmico de Design Industrial, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Almeida

CURITIBA

2017

TERMO DE APROVAÇÃO

ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS OBRAS: MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS E
DAYTRIPPER

por

GUSTAVO HENRIQUE OGG NASCIMENTO GONÇALVES COSTA

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Narrativas Visuais pelo Curso de Especialização em Narrativas Visuais do Departamento Acadêmico de Desenho Industrial da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. A banca examinadora considerou o trabalho aprovado.

Prof. Dr. Rogério Caetano de Almeida (UTFPR) – Orientador Profa.

Dra. Elisângela Lobo Schirigatti (UTFPR)

Profa. Dra. Maurini de Souza (UTFPR)

Curitiba, maio de 2017.

A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que de alguma forma contribuíram com esta pesquisa.

Nas operações da imaginação humana a
adaptação é a norma, não a exceção.
(HUTCHEON, Linda, 2011)

RESUMO

OGG, Gustavo. **Análise comparativa entre as obras Memórias póstumas de Brás Cubas e Daytripper**. 2017. 30. Monografia (Especialização em Narrativas Visuais) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2017.

A realização do presente trabalho propõe analisar a obra Daytripper, uma história em quadrinho lançada em outubro de 2011 por Fabio Moon e Gabriel Bá, como uma adaptação, considerando o conceito de Linda Hutcheon, de Memórias Póstumas de Brás Cubas, um clássico literário do século XIX escrito por Machado de Assis. A partir de uma análise comparativa das narrativas, mídias, personagens, capítulos específicos e contexto histórico ver aonde existe convergências e divergências entre as obras.

Palavras-chave: Daytripper. Obra Machadiana. Teoria da adaptação. Graphic Novel. Narrativa literária.

ABSTRACT

OGG, Gustavo. **Comparative analysis between the works Memórias póstumas de Brás Cubas and Daytripper**. 2017. 30. Monografia (Especialização em Narrativas Visuais) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2017.

The present work proposes to analyze the work Daytripper, a comic strip launched in October of 2011 by Fabio Moon and Gabriel Bá, as an adaptation, considering the concept of Linda Hutcheon, of Memórias Póstumas of Brás Cubas, a century literary classic XIX written by Machado de Assis. From a comparative analysis of narratives, media, characters, specific chapters and historical context see where there are convergences and divergences between works.

Keywords: Daytripper. Obra Machadian work. A Theory of Adaptation. Graphic Novel. Literary narrative.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 DAYTRIPPER: UMA ADAPTAÇÃO DA OBRA MACHADIANA	16
2.1 AS OBRAS.....	16
2.1.1 Memórias póstumas de Brás Cubas	16
2.1.2 Daytripper	18
2.2 ADAPTAÇÃO	20
2.3 INTERSECÇÕES ENTRE AS OBRAS	22
2.3.1 Intersecções entre dois Brás	22
2.3.2 Intersecções entre Quincas Borba e Jorge.....	24
2.3.3 Intersecções entre o Sonho e O Delírio	25
2.3.4 Intersecções entre os capítulos finais	26
3 CONCLUSÃO.....	28
REFERÊNCIAS.....	29

1 INTRODUÇÃO

A proposta do presente trabalho é analisar comparativamente a obra literária *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e a *graphic novel Daytripper*, dos gêmeos Fábio Moon e Gabriel Bá, levantar as diferenças entre livro e quadrinho, a visão sobre a vida e a morte e relacionar isso com seus respectivos contextos históricos.

Em sua obra Machado de Assis aborda as experiências de Brás Cubas, um recém falecido filho abastado da elite brasileira do século XIX, que conta sua autobiografia post-mortem, desde sua infância com seu fiel amigo Quincas Borba, passando pelos envolvimento amorosos da juventude, uma breve viagem pela Europa, a vida adulta e a tentativa de reconhecimento através da política e o fim da vida de forma solitária, sempre com um olhar irônico e contestador.

A obra *Daytripper* narra, de forma não linear, os momentos mais importantes da vida de Brás de Oliva Domingos, um jovem escritor de obituários, filho de um renomado escritor. Na *graphic novel* ele acaba por morrer após cada um destes acontecimentos, através das mais diversas causas. A cada morte sua vemos uma vida completamente distinta das anteriores, quando ela parecia ter acabado de começar. Lemos essa morte anunciada em um obituário que, devido ao estilo de escrita, nos leva a entender que tenha sido escrito pelo próprio protagonista. No capítulo seguinte é mostrado como sua vida teria continuado, como outra angústia teria surgido e como, logo que resolvida, terminaria de novo. No fim da HQ (história em quadrinhos) Brás está casado, teve um filho, se tornou avô e escreve de forma leve e otimista sobre o fim e começo da vida através da relação entre pai e filho.

A partir desta breve sinopse já podemos tecer relações entre as duas obras. A evidência mais clara que os autores da HQ, Fábio Moon e Gabriel Bá, nos dão a respeito da influência da obra machadiana é o nome do protagonista, Brás de Oliva Domingos, o mesmo de Brás Cubas de Machado de Assis. Tantos são os pontos de convergência entre as obras que *Daytripper* será analisado como uma adaptação da obra Machadiana. Em ambos, conta-se a história de um homem da elite brasileira, do nascimento até a morte, a partir de uma perspectiva extraterrena e autobiográfica (de forma explícita no *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e um pouco menos evidente em *Daytripper*), com ênfase em suas relações amorosas, sua família e seus amigos.

Por outro lado, existe também uma clara divergência a respeito da visão dos personagens sobre o mundo, a vida e a morte. Machado escreveu sua obra sob o signo das correntes filosóficas do final do século XIX, trazendo uma visão ambivalente e irônica sobre a sociedade. O Brás machadiano vê a existência como algo exaustivo e sem propósito, uma sucessão de acontecimentos insignificantes que levam a eventual morte. O livro termina com a seguinte frase “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria”.

Moon e Bá, por outro lado, pertencem a uma geração de jovens urbanos que responde à enorme complexidade do mundo pós-moderno com um retorno à apreciação das coisas simples da vida, trazendo assim uma visão mais otimista sobre a vida e a morte, mas não necessariamente ingênua. A morte é tratada de forma muito diferente, quase antagônica, nas duas obras. O pensador Zygmunt Bauman (2008) discorre sobre o tema afirmando que “a morte torna-se um evento banal uma vez que é ‘encenada’ cotidianamente, constituindo-se parte integrante da vida”, e ainda discorre sobre como a “fragilidade dos vínculos humanos e a facilidade com que são rompidos servem como ensaios rotineiros da experiência da morte”.

A partir da correlação entre as obras, desde a narrativa, personagens, cronologia, moral e contexto, pretende-se analisar como uma obra pode servir de inspiração e base para a outra, ao mesmo tempo em que passam mensagens distintas devido ao seu contexto histórico e as escolhas dos autores.

Daytripper foi lançada no Brasil em outubro de 2011 e ganhou os maiores prêmios de quadrinhos internacionais, o *Eisner Awards*, *Harvey Awards* e *Eagle Awards*. Originalmente lançado como minissérie, foi como edição compilada que chegou ao primeiro lugar na lista de mais vendidos do jornal *New York Times*. Apesar do reconhecimento internacional uma análise mais aprofundada sobre a obra só pode ser realizada a partir de referências literárias, culturais e históricas do nosso país.

Como resultado direto cria-se uma análise inédita sobre uma das mais importantes obras da história do quadrinho nacional, comparada com *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, considerado o primeiro romance realista brasileiro e um dos livros mais importantes da literatura nacional.

Por fim para considerar a obra *Daytripper* como uma adaptação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* não podemos usar a concepção errônea de que a adaptação é sempre uma obra menor, algo que nunca será tão bom quanto o “original”, mas o conceito de Linda Hutcheon em *Uma teoria da adaptação* de que a adaptação é um

produto cultural tão autêntico e criativo quanto seu texto-base. No caso específico de *Daytripper*, a obra não tenta ser “fiel” a original de maneira nenhuma, ela utiliza uma mídia diferente (literatura para os quadrinhos), uma época diferente (quase 100 anos distanciam os acontecimentos das obras), busca alcançar um público diferente e passar uma mensagem diferente a seus leitores.

2 DAYTRIPPER: UMA ADAPTAÇÃO DA OBRA MACHADIANA

Para desenvolver o presente trabalho, os capítulos são divididos em AS OBRAS, ADAPTAÇÃO e INTERSECÇÕES ENTRE AS OBRAS.

O primeiro subcapítulo, AS OBRAS, traz o resumo de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Daytripper*, para que se tenha um conhecimento básico das obras que serão relacionadas.

Em ADAPTAÇÃO será discutido qual o conceito desta palavra, tomando como base principalmente as idéias de Linda Hutcheon (2011) em Teoria da adaptação.

INTERSECÇÕES ENTRE AS OBRAS traz comparações específicas entre *Brás Cubas* e *Brás de Oliva Domingos*, *Quincas Borba* e *Jorge*, entre o capítulo “delírio” da obra machadiana e “sonho” do romance gráfico e por fim uma análise sobre o último capítulo de cada obra.

2.1 AS OBRAS

Para situar melhor o leitor que desconhece as obras analisadas neste trabalho, faz-se aqui um breve resumo de cada.

2.1.1 Memórias póstumas de Brás Cubas

Como o título já indica, o narrador da obra é um morto que resolve contar suas memórias; ele se auto intitula um “defunto-autor”. *Brás Cubas* deixa isso claro já no prólogo, onde conversa diretamente com o leitor. É aí que está a genialidade da obra, um defunto que conta sua história sem o pudor ou julgamento terreno, que escreveu a obra com a “pena da galhofa e a tinta da melancolia”.

No primeiro capítulo, em que descreve seu enterro já percebemos o tom irônico que irá permear toda a obra. Em seu enterro comparecem 11 amigos, cai uma leve chuva, ele relata o belo discurso de um deles e logo arrebatado “Bom e fiel amigo! Não, não me arrependo das vinte apólices que lhe deixei”. Enquanto isso se houve o som de uma navalha sendo afiada por um amolador, o que talvez seja o indício de quão afiado será seu humor para julgar a sociedade.

A história não segue uma linearidade já que se inicia com a sua morte, mas na maior parte os eventos são sim lineares, portanto optou-se aqui por seguir a ordem cronológica dos acontecimentos.

Brás Cubas nasce no Rio de Janeiro em 20 de outubro de 1.805, filho de Bento Cubas, um abastado negociante que pertencia à elite carioca. A sua infância é basicamente marcada pelos caprichos e regalias dos pais, que acabaram por criar uma criança extremamente mimada e sem limites.

Aos 17 anos Brás tem sua primeira grande paixão, uma cortesã chamada Marcela. Após gastar grande parte do dinheiro da família (“onze contos para ser mais exato”) com presentes e agrados para Marcela, o pai de Brás acaba por mandá-lo para a Europa para estudar Direito em Coimbra e acabar com esse relacionamento “imoral”. Depois de graduado volta ao Brasil para ver sua mãe falecer.

Como ainda era solteiro, não tinha uma carreira consolidada e estava se relacionando com Eugênia (“coxa de nascença” e filha de Dona Eusébia, amiga pobre da família) seu pai tenta arranjar um casamento com Virgília, o que poderia introduzi-lo na política, mas ela escolhe ficar com Lobo Neves.

O pai de Brás morre com profundo desgosto pelo filho que não havia conquistado nada na vida (“-Um cubas!”). Brás e sua irmã começam a brigar pela herança deixada pelo Pai.

Brás se reencontra com Virgília e eles se tornam amantes. O adultério dura muito tempo. Ele chega a pagar alguns contos de réis a Dona Plácida, uma criada de confiança, para que pudessem ter uma casa na Gamboa, onde podiam se ver sem criar desconfianças. Lobo Neves é nomeado presidente de uma província e parte para o norte, o que faz com que o relacionamento dos dois acabe de forma abrupta.

Brás é deputado, após fazer as pazes com a irmã ela tenta arranjar-lhe um casamento com Nhã-Loló, mas esta acaba por morrer de febre amarela.

No meio desses últimos acontecimentos, Brás reencontra Quincas Borba, um velho amigo de infância. Na primeira vez que se veem Brás não o reconhece, e o confunde com um mendigo devido a seus trajes maltrapilhos e um indício de demência. Algum tempo depois Quincas reaparece totalmente mudado, bem vestido, são, e passa a ser um grande amigo e conselheiro de Brás.

Cubas tenta ser ministro de estado mas fracassa, funda um jornal de oposição e também fracassa. Quincas Borba dá os primeiros sinais de demência. Virgília solicita a ele o amparo à Dona Plácida, que morre logo em seguida. Morrem

também Lobo Neves e Marcela (que já havia perdido toda a sua beleza por conta de uma doença). Eugênia é encontrada num cortiço. Quincas Borba fica louco e também morre.

A última tentativa de Brás atingir o reconhecimento foi criar o emplastro Cubas, um remédio que curasse a hipocondria. Porém, antes que isto acontecesse, Brás morre de pneumonia.

2.1.2 Daytripper

Em Daytripper o personagem principal, Brás de Oliva Domingos, também escreve sobre a morte, escreve obituários para um jornal, e no fim de cada capítulo da obra, ele morre de maneira diferente e cria seu próprio obituário. A história é contada de forma não linear, cada capítulo retrata uma fase diferente de sua vida, uma forma diferente de morte, e seu obituário, que é uma pequena reflexão sobre o que significa morrer em determinado momento. Devido a importância que isso tem para a obra, opta-se aqui por fazer um resumo de cada capítulo.

32 - Brás nos é apresentado como um escritor frustrado, que trabalha em um jornal escrevendo obituários, enquanto sua vontade maior era de ser um romancista renomado assim como seu Pai, Benedito de Oliva Domingos. Existe um conflito com a figura paterna, ao mesmo tempo em que ele o admira, tem um rancor por ele esquecer frequentemente de seu aniversário, que caiu no mesmo dia em que seu pai receberia uma homenagem. Antes de entrar no teatro para ver seu pai ser homenageado, para em um boteco para comprar cigarro, um assaltante entra e dispara contra o dono do bar e contra Brás.

21 - Brás está viajando com Jorge, seu melhor amigo. Ao chegar em Salvador ele, acaba conhecendo uma linda jovem chamada Olinda, que o convida para ver uma celebração a Iemanjá na praia. Eles acabam se relacionando e, no fim, Brás morre afogado na festividade.

28 - Vemos Brás sozinho em um apartamento vazio em São Paulo. Descobrimos que ele e Olinda moraram juntos por sete anos, mas ela partiu, deixando-o devastado. Brás entra em uma padaria para tomar um café e se encanta por uma jovem garota, que parece se interessar por ele também. No caminho para o

trabalho, sem conseguir tirá-la da cabeça, ele resolve voltar correndo para a padaria e contar à garota o que havia sentido; ao atravessar a rua, é atropelado por um carro.

41 - Brás tem seu primeiro filho, Miguel, com Ana, a garota da padaria, na mesma noite em que seu pai falece. Quando o pai finalmente parte, sua presença torna-se gigantesca e preenche o imaginário do filho. Não só pela figura de mentor e espelho, que ele certamente era, mas também por suas imperfeições, simbolizadas por sua filha bastarda. Brás morre de um ataque cardíaco ao entrar no quarto do falecido pai, seguindo mais uma vez seus passos.

11 - Aqui acompanhamos a infância de Brás. Em um fim de semana com a família na casa dos avós no campo, ele conta por que seu apelido é Milagrinho. Ele nasceu durante um blecaute e seguiu a voz da mãe até conseguir sair da barriga e trouxe a luz de volta. Experimenta seu primeiro beijo. Volta para a cidade grande e vai empinar uma pipa que se enrosca no fio de luz, levando o milagrinho embora.

33 - O capítulo retrata o acidente do voo da TAM em Congonhas em 2007, a possibilidade de Jorge estar naquele voo faz com que Brás escreva os obituários com uma emoção muito maior que a habitual. Um mês depois, Jorge liga para Brás e diz que está no Rio, Brás decide pegar o carro e ir encontrar o amigo, mas no meio da estrada um caminhoneiro cai no sono e acaba tirando a sua vida.

38 - Brás finalmente lança seu livro “olhos de seda” e se torna um escritor de sucesso. Ele está viajando para Acemira para tentar encontrar Jorge, que ainda está desaparecido. Ao chegar lá encontra Jorge em um estado de demência absoluta. Jorge pega uma faca, mata Brás e tira a própria vida.

47 - Brás está viajando em uma turnê de divulgação do seu livro e acompanhamos apenas as mensagens, ligações e e-mails dele para Ana, sua esposa e Miguel, seu filho. Vemos o quão difícil é o dia a dia para os dois sem a sua presença. Ele morre durante a viagem devido a um tumor no cérebro.

Sonho - Este é o único capítulo que não é intitulado pela idade de Brás, ele é uma viagem pela cabeça de Brás através dos anos, onde se discute muito sobre o sonho e a realidade. Ao encontrar com seu Pai, ele está citando um trecho de Memórias Póstumas de Brás Cubas, mas vamos entrar em mais detalhes sobre isso a diante.

76 - Brás já está velho e a iminente morte que tem no câncer não o assusta mais, não quer estragar o pouco que lhe resta. Seu filho, que já possui duas crianças,

vai visitá-lo e entrega uma carta que encontrou na antiga casa de seu falecido pai destinada a ele. Brás lê a carta e caminha em direção ao mar.

2.2 ADAPTAÇÃO

Já introduzidas as obras e seus autores podemos começar a analisar com mais profundidade como as obras se relacionam.

Conseguimos tecer paralelos com o nome dos protagonistas, Brás de Oliva Domingos e Brás Cubas, sua narrativa de um homem da elite brasileira, do nascimento até a morte, a partir de uma perspectiva extraterrena e autobiográfica (de forma explícita no Memórias Póstumas de Brás Cubas e um pouco menos evidente em Daytripper), com ênfase em suas relações amorosas, sua família e seus amigos. E é por isso que, mesmo com grandes diferenças entre as obras (enredo, época, formato, etc), vamos considerar Daytripper uma adaptação de Memórias Póstumas de Brás Cubas.

Em Uma teoria da adaptação, Linda Hutcheon discursa sobre o processo específico de retomada do discurso alheio, que é a adaptação, e faz a seguinte afirmação: “Seja na forma de um jogo de videogame ou de um musical, qualquer adaptação está fadada a ser considerada menor e subsidiária, jamais tão boa quanto o ‘original’” (HUTCHEON, 2011, p. 11) e isso se agrava “especialmente quando estes lidavam com obras canônicas como Pushkin ou Dante” (HUTCHEON, 2011, p. 28) ou Machado de Assis. Essa hierarquia estabelecida em relação ao texto-base é a maior responsável pelo enquadramento da adaptação na categoria de obras de “segunda classe” (HUTCHEON, 2011, p. 235)

Se você supõe que a adaptação pode ser compreendida considerando apenas filmes e romances, está enganado. Os vitorianos tinham o hábito de adaptar quase tudo – e para quase todas as direções possíveis: as histórias de poemas, romances, peças de teatro, óperas, quadros, músicas, danças e tableaux vivants eram constantemente adaptados de uma mídia para outra, depois readaptadas novamente. Nós, pós-modernos, claramente herdamos esse mesmo hábito, mas ainda temos outros novos materiais à nossa disposição – não apenas o cinema, a televisão, o rádio e as várias mídias eletrônicas, é claro, mas também os parques temáticos, as representações históricas e os experimentos da realidade virtual. O resultado? A adaptação fugiu do controle. (HUTCHEON, 2011, p. 11)

Fábio e Gabriel adaptaram para os quadrinhos o conto O alienista, de Machado de Assis. A adaptação recebeu o prêmio Jabuti de melhor livro didático e paradidático para ensino médio ou fundamental em 2008. Talvez tenha sido aí que tenha surgido a ideia de continuar o trabalho e adaptar Memórias Póstumas de Brás Cubas, mas desta vez eles queriam ir mais longe.

Deixando claro, portanto, que a adaptação não é de forma nenhuma “menor” mas um produto cultural tão autêntico e criativo quanto seu texto base, podemos ver que primeiramente temos uma transição de mídia, livro para quadrinho (Contar-Mostrar). A adaptação performativa irá dramatizar a descrição e a narração; e os pensamentos representados são transcodificados para fala, ações, sons, e imagens visuais. E é aí que começam a aparecer as escolhas dos autores, enquanto Machado usa a ironia, o exagero e a comicidade como subterfúgios para fazer críticas ao ser humano e à sociedade, Bá e Moon preferem seguir uma estética muito mais sóbria, que faz com que o leitor se identifique e simpatize mais com os personagens, e transponha aquelas situações e acontecimentos para a sua própria realidade. Craig Thompson coloca no prefácio da própria obra:

O mundo dos quadrinhos há muito é dividido entre duas escolas: fantasia e realismo. O super-herói é um escapismo. O sonho. É claramente distração. Mas o outro é sua própria abstração – destila a vida até o que ela tem de mais mundano, trocando o sonho pelo cinismo. Gabriel Bá e Fabio Moon dançam entre os dois extremos, infundindo o sagrado à realidade. (THOMPSON,2011)

Existe também uma adaptação temporal, enquanto uma obra se passa no início do século XX a outra se passa no início do século XXI, ou seja, quase 100 anos separam os protagonistas. Para finalizar a mensagem passada por cada um dos protagonistas no fim de cada obra é totalmente diferente. Segundo Hutcheon (2011, p. 234), o ato de recontar histórias, de adaptá-las é uma prática constitutiva da imaginação humana: —A adaptação representa o modo como as histórias evoluem e se transformam para se adequar a novos tempos e a diferentes lugares. E é por isso que, mesmo existindo muitas diferenças entre as obras, é considerado neste trabalho que *Daytripper* é uma adaptação de Memórias póstumas de Brás Cubas, pois os autores trouxeram a mesma base de Machado para o contexto atual e resolveram contar algo que conversasse mais com esta geração.

Umberto Eco defende pensar adaptação com mudança de matéria como transmutação, uma forma de interpretação, e não uma tradução. “As variações são múltiplas, mas se deveria falar sempre de adaptação ou transmutação, justamente para distinguir essas interpretações da tradução propriamente dita” (2007, p.382).

Uma tradução é orientada e depende do texto original, havendo sempre a tentativa de manter o sentido do que se está traduzindo. Já nas transmutações, há a presença do processo criativo, uma manipulação da fonte “com elementos que não são imputáveis às intenções do texto original” (ECO, 2007, p.384).

2.3 INTERSECÇÕES ENTRE AS OBRAS

Para aprofundar a relação entre as obras os próximos capítulos irão traçar paralelos entre personagens, depois um capítulo específico em que *Daytripper* cita um trecho de *Memórias Póstumas*, e por último verificar qual a mensagem que cada obra nos deixa a partir da análise do último capítulo.

2.3.1 Intersecções entre dois Brás

Para comparar os personagens, irá ser seguida a linha cronológica de Brás Cubas interseccionando com a de Brás de Oliva Domingos.

A infância de Brás Cubas é contada de maneira breve, em poucos capítulos. Aos 5 anos recebera a alcunha de “menino-diabo” por ser realmente maligno. Um dia quebrou a cabeça de uma escrava por não lhe dar uma colher de doce, outra criança escrava era seu cavalo de estimação, montava nele e fazia ele correr pela casa.

A infância de Brás de Oliva Domingos é contada em um capítulo apenas. Muito diferente do outro recebera o apelido de “milagrinho”. O motivo deste apelido é que quando sua mãe estava no hospital entrando em trabalho e parto houve um blecaute e todas as luzes se apagaram. Depois de 20 minutos os médicos tiraram o bebê, mas ele não chorava. No delírio da febre sua mão começou a murmurar e a cantar, a música foi acompanhada por um outro som, o choro de um bebê. Naquele momento as luzes voltaram em toda cidade e surgiu o “milagrinho”.

Pulamos para o fim da adolescência, aos 17 anos Brás Cubas tem seu primeiro grande amor, Marcela. O narrador não explicita, mas vamos aos poucos descobrindo que ela é uma cortesã. Apaixonado, Brás começa a gastar o dinheiro de sua família com ela, quando seu pai descobre o envolvimento deles, e os gastos, manda o filho fazer faculdade na Europa e acaba de vez com o relacionamento dos dois.

Brás de Olivas Domingos faz o caminho contrário, entra na faculdade com a mesma idade de Cubas e com 21 anos, após terminar a faculdade é que vai viajar pelo Brasil com seu melhor amigo Jorge. No fim desta viagem tem seu primeiro grande amor, Olinda. Ela volta com ele para São Paulo onde passam 7 anos juntos e depois se separam.

Com a progressão da narrativa percebe-se que Brás Cubas tem uma ganância pelo reconhecimento. Não o dinheiro, o luxo, pois isso nunca lhe faltou, mas o amor da glória, e ele tenta alcançar isso através da carreira política e mais tarde pelo emplastro cubas.

Um tio meu, cômico de prebenda inteira, costumava dizer que o amor da glória temporal era a perdição das almas, que só devem cobiçar a glória eterna. Ao que retorquia outro tio, oficial de um dos antigos terços de infantaria, que o amor da glória era a coisa mais verdadeiramente humana que há no homem, e, conseqüentemente, a sua mais genuína feição. (ASSIS,1992)

Vemos esse mesmo dilema em Brás de Oliva Domingos, ele trabalha em um jornal escrevendo obituários, mas constantemente está querendo escrever seu romance, uma obra que lhe traga reconhecimento e glória. Algo que esteja à altura de seu pai.

O pai de Brás Cubas morre enquanto este ainda não alcançara nada disto, não tinha trabalho, não casara, não tinha filhos. Morreu com profundo desgosto pelo filho. Já o pai de Brás de Oliva Domingos viu seu filho virar um grande escritor, assim como ele, mas não viu seu neto nascer, pois nascera no mesmo dia de seu falecimento.

Aí temos a grande diferença entre os personagens, enquanto Brás Cubas não teve nenhum sucesso na carreira, não casou e não teve filhos, Brás de Oliva

Domingos teve grande sucesso através de seu livro, um casamento feliz e um filho que ainda lhe deu dois netos.

A morte, portanto, passa a ser algo que inicialmente une as obras, afinal temos dois autores defunto contando sua história, mas também os separa, devido ao sentido que cada personagem coloca em cima de tal acontecimento. Walter Benjamin, em suas reflexões sobre o narrador, afirma que a morte é a “sanção de tudo o que o narrador pode contar” e é dela que resulta a “sua autoridade”, a essência/sentido da vida só é revelada depois de sua morte (1994, p. 208).

Ora, é no momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e sobretudo sua existência vivida – e é dessa substância que são feitas as histórias – assumem pela primeira vez uma forma transmissível. Assim como no interior do agonizante desfilam inúmeras imagens – visões de si mesmo, nas quais ele se havia encontrado sem se dar conta disso –, assim o inesquecível aflora de repente em seus gestos e olhares, conferindo a tudo o que lhe diz respeito aquela autoridade que mesmo um pobre-diabo possui ao morrer, para os vivos em seu redor. (BENJAMIN, 1994, p.207 a 208)

2.3.2 Intersecções entre Quincas Borba e Jorge

Quincas Borba e Jorge são os melhores amigos e conselheiros de cada Brás. O modo que eles se encontram é bem diferente, mas o modo como eles impactam a vida dos personagens e como terminam a vida é muito parecido.

Brás Cubas conheceu Quincas Borba na infância quando estudaram na mesma escola. Ficaram sem se ver por muitos anos. Brás encontra Quincas como um “mendigo”, maltrapilho, beirando a demência, não o reconhece de imediato, após uma breve conversa se despedem, depois Brás percebe que seu velho amigo havia roubado seu relógio. Algum tempo depois Quincas reaparece totalmente mudado, bem vestido, são, e passa a ser um grande amigo e conselheiro de Brás.

Quincas Borba é o criador do Humanitismo, filosofia que “retifica o espírito humano, suprime a dor, assegura a felicidade, e enche de imensa glória o nosso país” onde “o homem não é um simples veículo do Humanitas; não, ele é ao mesmo tempo veículo cocheiro e passageiro; ele é o próprio Humanitas reduzido”. No começo Brás questiona essa “teoria”, mas como Quincas tem todas as respostas muito bem elaboradas na ponta da língua acaba por segui-la também.

Brás de Oliva Domingos e Jorge dos Santos se conhecem na faculdade, e a partir daí se tornam amigos inseparáveis, viajam juntos, trabalham no mesmo jornal, e assim como Quincas está lá para ajudar Brás sempre que ele precisa com conselhos pertinentes. Um dia devido a uma experiência de quase morte em uma queda de avião, Jorge começa a pensar cada vez mais sobre a importância da vida e a importância de se fazer aquilo que deseja. Ele desaparece sem deixar muitas informações, passa a viajar por vários lugares no Brasil, acaba enlouquecendo e tirando a própria vida em Acemira, uma cidade fictícia.

2.3.3 Intersecções entre o Sonho e O Delírio

Em *Daytripper* existe um único capítulo que não é intitulado pela idade de Brás, ele se chama “Sonho”. Nele, Brás está em um barco conversando com uma mulher nua, que entendemos ser Iemanjá. Ele acorda e começa a discutir com Ana. Enquanto ele fala de sonhos ela trata da realidade. A casa começa a transbordar de água e ele acorda no escritório do Jornal, na época em que havia acabado de começar o seu trabalho e ainda estava com Olinda. Após algumas divagações sobre o sonho de ser escritor ele acorda em um avião com Jorge. Em meio a conversa o cenário muda. Eles estão em um cânion, depois em um deserto. Brás é uma criança empinando pipa, ele volta a ser adulto, encontra seu Pai que está lendo o seguinte trecho de Memórias póstumas de Brás Cubas:

-Não, senhora - respondeu a Razão, estou cansada de lhe ceder sótãos, cansada e experimentada, o que você quer é passar mansamente do sótão à sala de jantar, daí à de visitas e ao resto.

-Está bem, mas deixe-me ficar um tempo mais, estou na pista de um mistério...

-Que mistério?

-De dois - emendou a Sandice -, o da vida e o da morte; peço-lhe só uns dez minutos.

A Razão pôs-se a rir. (BÁ e MOON, 2011)

Esse trecho é de um capítulo chamado “Razão contra sandice”, que vem depois do capítulo “O delírio”. Em “O delírio” Brás Cubas está doente, perto da morte, e relata sua alucinação. Primeiramente ele toma a forma de um barbeiro chinês, depois se transforma na suma teológica de São Tomás, volta então à forma humana, momento em que vê um hipopótamo que diz que levará ele a origem dos séculos. Após cruzar o tempo nas costas do animal encontra uma mulher chamada Natureza, ou Pandora. Eles discutem sobre a vida e a morte enquanto a história da humanidade passa sob seus pés. No capítulo seguinte “Razão conta sanidade”, de onde é tirado o trecho que o pai de Brás de Oliva Domingos recita, ele discute sobre o sonho e a realidade, a razão e a sandice, e principalmente sobre a essência das duas obras: os mistérios da vida e da morte.

2.3.4 Intersecções entre os capítulos finais

O último capítulo de cada obra é onde temos uma diferença mais drástica no pensamento de cada Brás.

Já sabendo que Brás Cubas morre sem ter alcançado nenhuma das coisas que almejou em sua vida, segue o último parágrafo do livro.

Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais; não padeci a morte de D. Plácida, nem a semidemência do Quincas Borba. Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve mingua nem sobra, e conseqüentemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: — Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria. (ASSIS, 1992)

Pode-se considerar que Machado de Assis quis passar uma visão realista/pessimista, mas também muito irônica pois joga esse questionamento para nós, os leitores. O Brás Machadiano vê a existência como algo exaustivo e sem propósito, uma sucessão de acontecimentos insignificantes que levam a eventual morte, o único ponto positivo de tudo isso é o fato de ele não ter tido um filho, não ter perpetuado o legado de nossa miséria.

Por outro lado, sabemos que o Brás de *Daytripper*, também velho e próximo da iminente morte pelo câncer, teve um filho, que por sua vez já possui duas crianças. No último capítulo ele recebe de seu filho uma carta que encontrou na antiga casa de seu falecido pai para destinada a ele. Brás lê a carta que diz:

Querido Filho, você está lendo esta carta porque hoje é o dia mais importante da sua vida. Você está prestes a ter seu primeiro filho. Isto significa que a vida que construiu com tanto esforço, que você conquistou, que você fez por merecer, finalmente chegou ao ponto em que não lhe pertence mais. Este bebê será o novo mestre de sua vida. Ele é a única razão da sua existência. Você vai entregar sua vida a ele, dar a ele seu coração e sua alma, pois quer que ele seja forte...corajoso o bastante para tomar todas as decisões sem você. De forma que, quando crescer, não precise mais de você. Isto porque você sabe que um dia voce não estará mais lá. É apenas quando você aceita que vai morrer que consegue realmente se libertar e aproveitar a vida ao máximo. Este é o grande segredo. Este é o milagre. Sua vida já não está mais nas suas mãos assim como a minha deixou de estar, desde o dia em que você nasceu. Escrevo esta carta para lhe parabenizar e para admitir que você não precisa mais de mim. (BÁ e MOON, 2011)

É possível perceber a clara diferença entre a visão dos personagens. Enquanto o Machado passa a vida em busca do reconhecimento e morre sem alcançá-lo, não ter um filho é uma dádiva. O Brás dos quadrinhos mesmo tendo alcançado o tão almejado reconhecimento, não se importa mais com isso pois coloca a maior dádiva no filho. Tira o egoísmo do próprio reconhecimento como maior importância na vida e coloca na partilha.

Daí talvez a diferença entre a escolha de estilo narrativo feita pelos autores. O Brás Machado é sempre irônico e ambivalente, ele sempre está falando sobre a própria vida, mas ao mesmo tempo está julgando os outros e o próprio leitor, ele flutua entre o desgosto, a pena e a identificação duvidosa com o leitor. A vida passa a ser algo sem propósito, o que na época em que foi escrito era uma ideia muito mais audaciosa do que hoje, onde nos deparamos com isso talvez mais do que gostaríamos. E possivelmente por isso mesmo que os irmãos Bá e Moon resolveram seguir um caminho muito diferente na maneira de contar sua história, fazendo com que seu Brás seja mais próximo ao leitor, mais simpático, criando uma empatia maior com o personagem e sua visão de vida/morte. Enquanto o Brás Machado nos atrai pelas nossas falhas e niilismo, o Brás de Moon e Bá tenta trazer o outro lado, e dizer que a vida é um bilhete só de ida, como na música homônima dos Beatles.

3 CONCLUSÃO

Como foi observado as obras são muito próximas, partindo do nome dos protagonistas, Brás de Oliva Domingos e Brás Cubas, sua narrativa de um homem da elite brasileira, do nascimento até a morte, a partir de uma perspectiva extraterrena e autobiográfica, dos dois tendo uma grande amizade com alguém que sofre de demência no fim da vida, até o paralelo entre os capítulos Sonho e Delírio onde Daytripper cita um trecho de Memórias póstumas de Brás Cubas.

Consideramos, portanto, Daytripper como uma adaptação da obra machadiana, uma adaptação de mídia (contar-mostrar), tempo (século XX-século XXI), estilo (irônico-sóbrio) e mensagem (não transmitir legado-transmitir legado). Deixando claro que a adaptação não é de forma nenhuma “menor” mas que sim um produto cultural tão autêntico e criativo quanto seu texto base.

Podemos considerar que, apesar de Brás Cubas não ter deixado herdeiros, as suas memórias deixaram muitos e Daytripper é sem dúvida um caçula rebelde. E se pensarmos as obras como filhos, podemos ver Daytripper de outra forma. O pai de Brás representa o peso das grandes obras e seus criadores. Brás por sua vez representa essa nova geração de criadores que esbarra nessa sombra que é ao mesmo tempo inspiradora e intimidadora. Mas quando você joga uma cria/obra no mundo ela deixa de ser sua, passa a ser algo que está além de você e que vai afetar as pessoas de forma que você não pode controlar. “Você vai entregar sua vida a ele, dar a ele seu coração e sua alma, pois quer que ele seja forte...corajoso o bastante para tomar todas as decisões sem você. De forma que, quando crescer, não precise mais de você. Isto porque você sabe que um dia você não estará mais lá.”

"Não faça pequenos planos", escreveu Daniel Burnham na primeira onda da euforia planejadora modernista no final do século XIX, ao que um pós-modernista como Algo Rossi pode agora responder, mais modestamente: "A que, então, poderia eu ter aspirado em minha arte? Por certo a pequenas coisas, tendo visto que a possibilidade das grandes estava historicamente superada". (HARVEY 2003)

REFERÊNCIAS

ASSIS, M. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.

Bauman, Z. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994

ECO, U. **Quase a mesma coisa**: experiências da tradução. Rio de Janeiro: Record, 2007.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 12. Ed. São Paulo, Ed. Loyola, 2003.

HUTCHEON, L. **Uma teoria da adaptação**. Santa Catarina: UFSC, 2011.

MOON, F; BÁ, G. **Daytripper**. São Paulo: Panini Books, 2011.